IOVKA BOJÍLOVA TCHOBÁNOVA
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Portugal

Tipos de fraseologismos na língua portuguesa

I. Introdução

Sabe-se que os fraseologismos podem ser classificados de diferentes pontos de vista: semântico, estilístico, estrutural, sintáctico, etimológico, temático, etc.

O objectivo deste estudo é apresentar um quadro, muito geral, dos tipos de classificação semântica dos fraseologismos e testar a sua aplicabilidade à língua portuguesa. No que diz respeito ao conceito de fraseologismo, considera-se que os seus traços principais são: a plurilexicalidade, a fixidez, a não composicionalidade semântica, a expressividade, a não traduzibilidade literal para outras línguas, etc. (Tchobánova, 2004).

II. Classificações semânticas

1. A classificação de Charles Bally (1909)

O primeiro linguista que faz uma classificação dos fraseologismos, do ponto de vista estilístico e semântico, é o cientista suiço Charles Bally, aluno de Ferdinand de Saussure, o fundador da linguística moderna. No seu livro *Traité de Stylistique Française* (1909) ele fala de dois casos extremos de combinação de palavras: *as* **combinações livres** e as **combinações indecomponíveis**, em francês, respectivamente, *groupements libres* e *groupementes indécomposables*.

Por um lado, **as combinações livres** decompõem-se imediatamente depois da sua formação e as palavras, que as constituem, ficam livres para entrar em novas combinações. Estas combinações de palavras são temporárias, ocasionais e inestáveis.

Por outro lado, **as unidades indecomponíveis** são combinações estáveis; as palavras, que as constituem, estão em relação estreita para exprimir determinada ideia; elas perdem a sua independência, tornam-se inseparáveis e têm significado só ligadas, ou seja, em conjunto (cf. *tout de suite*).

Entre estes dois casos extremos, situam-se muitos casos intermédios, que são difíceis de classificar. Entre eles, destacam-se várias grupos:

- **Séries fraseológicas** ou **agrupamentos usuais** (em francês, *séries phraséologiques* ou *groupements usuels*) (cf. *gravement malade, intimement lié, diamétralmente opposé*);
- **Unidades fraseológicas** (em francês, *unités phraséologiques*).

Na **unidade fraseológica** (cf. em fr. *avoir lieu;* em port*. ter lugar* 'realizar-se, efectuar-se; ter cabimento') o significado individual das palavras perde-se. As palavras formam uma unidade indestrutível. Nesta combinação o significado do todo não é igual à soma dos significados dos elementos. O significado é qualitativamente novo, resultado da combinação química entre as palavras. A coesão entre as palavras é absoluta.

As séries fraseológicas são combinações de palavras nas quais a coesão entre as palavras é relativamente livre. Como exemplos de séries fraseológicas, Charles Bally apresenta os seguintes grupos:

- **Agrupamentos fraseológicos com determinantes de intensidade** (*séries d'intensité*) (cf. *une chaleur suffocante/ accablante/ tropicale/ sénégalienne*).

Neste caso, observa-se que cada um dos adjectivos tem um significado de intensidade, ou seja, designa o alto grau do conceito de "calor".

- **Perífrases de verbos simples** (*périphrases verbales*).

Sabemos que quase todos os verbos simples têm como correlato uma expressão composta. Geralmente, esta expressão contém um substantivo que deriva do mesmo radical (em fr.: *vaincre – remporter une victoire; décider – prendre uma décision*; em port.: *perguntar - fazer uma pergunta, responder – dar uma resposta, beijar – dar um beijo, anotar – tomar nota, berrar – dar um berro*, *decidir – tomar uma decisão*, etc.)

Esclarecendo os conceitos de séries fraseológicas e unidades fraseológicas, Charles Bally destaca as diferenças entre eles, do ponto de vista estilístico.

O uso excessivo de grupos fraseológicos ou estereotipados é um indício da falta de originalidade no estilo. O estilo pessoal, criativo, evita os grupos fraseológicos banais, evita os clichés. Pelo contrário, o uso de unidades fraseológicas não afecta a expressividade do estilo. Elas imprimem ao texto maior significado emocional e expressivo.

Na classificação de Charles Bally dedica-se maior atenção ao estudo dos tipos polares de combinação de palavras (combinações indecomponíveis e combinações temporárias), enquanto as categorias intermédias ou estereotipadas ficam menos definidas. A sua abordagem da fraseologia é sincrónica e enquadra-se nitidamente no modelo estruturalista de análise. Tem o mérito de ser a primeira classificação estilístico-semântica da fraseologia.

2. A classificação de V. V. Vinogradov (1947)

Outra classificação semântica, que merece destaque, é a classificação de V. V. Vinogradov, fundador da primeira escola russa de fraseologia. As suas concepções sobre a fraseologia estão expostas em vários artigos, publicados no período 1946 – 1947, e sobretudo no artigo *"Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa"*, que data de 1947. O autor apresenta uma característica detalhada da estrutura semântica da unidade fraseológica e traça os princípios fundamentais para a sua classificação.

O critério no qual assenta esta classificação é a correlação entre o significado do fraseologismo e o significado das palavras que o constituem.

Segundo esta tipologia os fraseologismos dividem-se em três grupos principais: **fusões fraseológicas, unidades fraseológicas** e **combinatórias fraseológicas**.

A fusão fraseológica (ou **idiomatismo)** caracteriza-se por ser uma combinação de palavras na qual o significado do fraseologismo não tem nada a ver com o significado das palavras que o constituem. O significado do todo não é motivado, ele é tão convencional e arbitrário como o significado da palavra simples. Na fusão fraseológica a indivisibilidade semântica é obrigatória, enquanto a indivisibilidade gramatical é facultativa. Como exemplos, em português, podem apresentar-se os idiomatismos *bater a bota* que significa 'falecer, morrer', *tirar o cavalo/ cavalinho da chuva*, que significa 'desistir de um intento', *meter os pés pelas mãos*, que significa 'atrapalhar-se; confundir-se; contradizer-se; mentir', etc.

È frequente nas fusões fraseológicas aparecerem palavras, que já não se usam, ou arcaísmos gramaticais mas estes arcaísmos, lexicais ou sintácticos, de por si, não são sinónimo de fusão fraseológica. (cf. *à trouxe-mouxe, sem tir-te nem guar-te,sem dizer chus nem bus, etc.*).

O traço principal da fusão fraseológica é a sua indivisibilidade semântica, a impossibilidade absoluta de deduzir o significado do fraseologismo com base no significado dos seus constituintes. Eles perdem por completo a sua individualidade, dissolvem-se no significado global.

Na **unidade fraseológica** temos divisibilidade semântica e maior independência dos constituintes. O significado da unidade fraseológica está relacionado com o significado potencial dos constituintes. Como exemplos deste tipo de fraseologismos podem apresentar-se as expressões portuguesas *remar contra a corrente, cruzar os braços* 'não fazer nada, deixar correr, ficar ocioso'*, dar à língua* 'falar muito, tagarelar; dizer o que não convém que se saiba, ser indiscreto', *perder a cabeça* 'perder a calma, enervar-se; entusiasmar-se muito', *estar de lamber os dedos* 'estar saboroso, apetitoso', etc. São unidades com forte colorido expressivo e a sua compreensão está relacionada com a compreensão da imagem interna, com o significado potencial das palavras que formam a unidade.

Entre o significado do fraseologismo global e o significado dos constituintes há certa motivação, mas muito ligeira, que apenas se capta. As unidades fraseológicas são equivalentes potenciais da palavra.

Este grupo, em qualquer língua, é consideravelmente mais extenso do que o grupo das fusões fraseológicas.

V. V. Vinogradov coloca neste grupo os termos compostos do tipo *democracia partidária, jornal vespertino, ponto de interrogação, opinião pública*, etc. assim como as locuções preposicionais e conjuncionais como *em direcção a, por causa de, mesmo que, apesar de que*, *ao mesmo tempo que*, etc.

O terceiro grupo de fraseologismos na classificação de Vinogradov é a **combinação fraseológica** que representa uma combinação usual entre os elementos e que se pode ilustrar com exemplos do português como *assunto delicado, situação delicada, circunstância delicada*, etc. O adjectivo *delicado* combina-se com um círculo restringido de substantivos; por exemplo, não é possível dizer *pensamento delicado, intenção delicada*, etc. Outro exemplo de combinatória verbal é *acalentar uma esperança, um desejo, um sonho*.

As combinações fraseológicas são grupos analíticos, à diferença das fusões fraseológicas e das unidades fraseológicas, que são grupos sintéticos.

No caso das combinações fraseológicas o significado dos constituintes é de longe muito mais independente do que nos casos anteriores. Com isso elas ficam muito mais perto das combinações livres do que dos outros fraseologismos. Por esta razão, consideramos que este último grupo, de facto, não pertence ao grupo dos fraseologismos. Trata-se de *colocações* ou *co-ocorrências lexicais restritas* que põem de manifesto a propriedade das palavras de combinar-se com um círculo muito restrito de outras palavras. Este fenómeno indica que a liberdade de combinação entre as palavras é relativa.

A classificação de V. V. Vinogradov representa um passo mais na teoria dos fraseologismos. Em comparação com a tipologia de Charles Bally, esta classificação regista um avanço lento, mas indiscutível, no estudo da problemática da fraseologia. Os diferentes tipos de fraseologismos estão melhor caracterizados e ilustrados com mais exemplos. Vinogradov desenvolve o problema da liberdade relativa ou das restrições na combinação das palavras em qualquer língua.

Além destes pontos fortes, podem fazer-se algumas observações:

- Não fica muito nítida a fronteira entre as fusões fraseológicas e as unidades fraseológicas. A diferença consiste no grau da sua motivação, mas não se apresentam critérios para medir esta motivação;

- Também se põe o problema da colocação dos termos compostos no grupo das unidades fraseológicas e não no grupo das combinações fraseológicas, tendo em conta a sua transparência e divisibilidade semântica.

3. A classificação de I. Mel'čuk (1974, 1975, 1995)

Outra classificação que merece a nossa atenção é a classificação dos fraseologismos ou frasemas, feita por Igor Mel'čuk, no quadro da Teoria Sentido-Texto (1974, 1995, 1997). Esta tipologia também se baseia no grau de motivação do fraseologismo. Nesta classificação, em primeiro lugar, distingue-se entre **co-ocorrentes livres** e **co-ocorrentes restritos**. Por seu lado, os **co-ocorrentes restritos** dividem-se em **frasemas completos, semi-frasemas** e **quase-frasemas**.

O frasema completo é um tipo de frasema em que o resultado da combinação dos seus componentes não tem nada a ver com o significado dos elementos que o constituem:

'AB' = 'C', onde 'C' ≠ 'A' e 'C' ≠ 'B' (cf. *meter os pés pelas mãos, bater a bota, nem oito nem oitenta*, *descalçar a bota* 'resolver o problema', *assobiar às botas* 'perder as esperanças de alcançar o que se pretendia', etc.).

O semi-frasema ou **a colocação** é um frasema que mantém o significado de um dos seus constituintes, enquanto o outro constituinte adquire um outro significado ou, se permanece com o mesmo significado, ele não é escolhido livremente:

'AB' = 'AC' ou 'AB' = 'BC' (cf. *custar os olhos da cara* 'ter um preço muito elevado'*, ser burro como uma porta 'ser muito ignorante', tratar alguém como um cão* 'tratar mal uma pessoa'*, ser teimoso como uma mula* 'ser muito teimoso'*, acariciar uma ideia, acalentar uma esperança, pronunciar um discurso, aceitar um convite*, etc.)

O quase-frasema é outro tipo de frasema no qual o significado dos seus constituintes é mantido e um outro significado "imprevisível" é acrescentado ao sentido dos constituintes:

'AB' = 'ABC' (cf. *dar o peito 'amamentar; dar de mamar', centro comercial, tecto falso* 'aquele que é construído por debaixo do verdadeiro para diminuir a altura de uma casa, ou de alguma das suas divisões'*, cinturão negro*, etc.).

Como já dissemos, o critério escolhido para fazer a classificação é o grau de motivação do fraseologismo, mas desta vez é encontrada uma fórmula para medi-lo. Esta fórmula é objectiva, rigorosa e precisa. A aplicação desta tipologia ao francês desde o ano 1988 já tem como resultado a confecção de vários volumes do *Dictionnaire combinatoire e explicative du français.*

4. Aplicação da classificação semântica de I. Melčuk a material da língua portuguesa

A utilidade prática desta classificação é testada no nosso trabalho lexicográfico concreto sobre o português e revela-se muito frutífera para delimitar os três grupos de fraseologismos.

Ao grupo dos frasemas completos pertencem todos os fraseologismos em que a dessemantização atinge todos os componentes:

abrir os olhos 'compreender, desenganar-se'; *abrir os cordões da bolsa* 'desembolsar dinheiro, pagar muito'; *abrir o coração* 'desabafar'; *abrir mão de* alguma coisa 'abandonar, desprezar'; *abrir a boca* 'ficar admirado, pedir muito', *achar a rua pequena* 'estar bêbado'; *afogar-se em pouca água* 'preocupar-se com bagatelas', etc.

Vemos que os frasemas completos de I. Mel'čuk abrangem as fusões fraseológicas e as unidades fraseológicas da tipologia de Vinogradov.

Ao grupo dos semi-frasemas pertencem todos os frasemas em que um dos componentes não está atingido pela dessemantização:

chorar baba e ranho Fam. 'chorar muito'; *chorar como (que nem) uma Madalena* 'chorar muito'; *chorar como uma vaca Fam*. 'chorar muito'; *chorar como (que nem) um bezerro desmamado Fam*. 'chorar muito', *chorar rios de lágrimas* 'chorar muito', *chorar pitanga P. Us*. 'chorar muito', etc.

Ao grupo dos quase-frasemas pertencem todos os frasemas em que os componentes não se dessemantizam; ao seu significado é acrescentado um significado adicional, imprevisível. Temos o exemplo do frasema *dar o peito* no qual as palavras mantêm o seu significado e a este é acrescentado o significado 'alimentar'.

Aduzimos estes exemplos para mostrar que na combinação das palavras na língua portuguesa se observam regularidades semelhantes às da língua russa e francesa. Só o trabalho futuro sobre as diferentes línguas vai comprovar a universalidade desta tipologia.

Bibliografia

- Bally, Charles (1909) *Traité de Stylistique Française*, vol. I, Heidelberg.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001), Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, dirigido por João Malaca Casteleiro, Lisboa, Edição Verbo.
- Mel'čuk, I. (1997) *Vers une linguistique Sens-Texte*, Leçon inaugurale, Paris, Collège de France, 39 pp.
- Tchobánova, I. B. (2004) "Algumas características da fraseologia portuguesa", *Actas do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra.
- Vinogradov, V. V. (1947) "Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa" (em russo), in: *A. A.Schahmatov 1864-1920*, *Colectânea de Artigos e Materiais,* Academia das Ciências da URSS, p. 339 – 364.